N.º 41 (163) — 4.º ANNO

Terça-feira, 22 de Agosto de 1911

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico

Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR

ESTEVÃO DE CARVALHO

CARICATURISTA

SILVA E SOUSA

ADMINISTRADOR

RICARDO DE SOUSA

IMPRESSÃO A CORES

Typ. do Annuario Commercial, P. dos Restauradores, 27

Composto e impresso na typographia NACIONAL

38, Rua da Conceição da Gloria (á Avenida), 40

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUÃO»

Redacção e administração: R. da Rosa 162, 1.º, Esq.º — LISBOA

O melhor paragrapho da Constituição

Se fôr cumprido á risca, é o unico que se aproveita d'aquella mixordia toda.

O proximo numero de O ZÉ

Tendo o sr. Anselmo Braamcamp retirado a sua candidatura á presidencia, — provando assim o seu bom senso—candidatura com que não podiamos concordar, pois estamos certos que no Partido Republicano ainda ha homens com a competencia precisa para exercer tão alto cargo, e que sempre foram republicanos, não sendo portanto preciso ir chamar-se um «republicano» a quem «A Nação» actualmente tece os mais rasgados elogios. «O Zé»—apesar de não concordar com o «Presidente», como já diversas vezes temos affirmado—dedica o proximo numero ao que fôr eleito, certo que a votação recahirá n'um republicano de sempre e com o prestigio necessario para exercer tão espinhoso cargo.

Este numero será collaborado por alguns dos melhores escriptores republicanos e na pagina central será publicado o retrato do homenageado.

Fitas batidas

A questão do presidente vista por todos os seus aspectos dá vontade de rir... antes que a gente chore.

Mas que triste figura toda essa gente «poli queira» anda a fazer! Uns querem impingir á força o sr. Bernardino Machado; outros reclamam o venerando conservantismo do sr. Manoel d'Arriaga, como quem reclama pastilhas: e até havia quem quizesse na presidencia o sr. Braamcamp Feire um homem que gastou as energias da mocidade com a libertina da monarchia e que só depois de velho e acabado se resolveu a vir para a Republica.

Mas este, justiça lhe seja feita, foi o unico dos candidatos que teve juizo. Renunciou ao poleiro da presidencia antes que o Povinho o fizesse renunciar se elle fosse empoleirado.

Pois podia lá ser! Era lá admissivel que um partido com tantos homens de valor que nunca coçaram as joelheiras das calças nas alcatifas reaes, precisasse de ir buscar para presidente um homem com dois dias de republicanismo, um «jimbra» que chamaria ao poder, necessariamente, os conservadores, um sujeito que até era apoiado na sua candidatura pelo orgão dos miguelistas!

Isso era caso até para o Paiva Conceiro, andar lá fóra a incutir coragem aos seus apaniguados. E parece mesmo que estavamos a ver d'aqui a esfregar as mãos de contente:

—Rapazes a coisa vae bem! O presidente da Republica foi sempre monarchico! A coisa arranja se...

Nós somos contra a presidencia, é preciso que se note somos contra ella porque não vamos no bote de todos esses pretextos que para ahi atiram aos olhos dos ingenuos, para disfarçar uma coisa que só existe porque nos homens que governam, nos mandões, nos que estão de cima acostumados a mandarem e a serem obedecidos, nunca ha-de acabar a vaidade.

Se não fosse essas tricas da presidencia não teriamos visto tanta coisa triste. A zaragata que para ahi se tem levantado dividindo o partido republicano que sempre foi modelo de união, e levantando odios e rivalidades pessoaes, não se teria dado se não tivessem aprovado a presidencia.

Mas é que o presidente para elles meus amigos, é uma coisa de summa importancia.

Para elles o presidente faz lhes uma falta de todos os demonios.

Portugal sem o presidente seria um paiz encravado se a sua falta não fizesse mesmo encravar o eixo da terra! A sua ausencia era até capaz desiquilibrar o concerto das nações e embrulhar a questão de Marrocos visto que não teriamos quem nos representasse lá fóra! E, é claro, como nós andamos todos a representar uns com os outros necessitamos de quem nos represente perante os mais!

Nós somos contra a presidencia, já dissemos. Mas visto que temos que gramar o presidente, perguntamos:

Porque diabo teem proposto para esse cargo toda a gente que lhes tem dado na bolha desde o sr. Manoel d'Arriaga (cuja isenção e sacrificio reconhecemos, mas que, com certeza, já deve estar muito cançado e aborrecido para essas coisas de poleiros) até ao sr. Anselmo Braancamp (que a «Nação» desejava ver eleito porque é aristocrata e christão) e o dr. Magalhães Lima, um homem que todos conhecem pelas suas altas capacidades de trabalho, um propagandista conhecidissimo no estrangeiro, um homem a quem o Povo de Lisboa nas eleições geraes deu a grande maioria dos seus votos, na reunião dos deputados só conseguiu d'esses representantes do Povo a fortuna de... tres votos!

E já que estamos com a mão na massa do presidente... quer dizer já que estamos d'aqui a vêr o presidente com as mãos na massa do «Zé», seja nos permittido dizer que somos tambem da opinião que o presidente seja o mais modesto possivel, embora isso pese a quem o desejaria ver magestatico e esplendoroso como um rei

O' rapazes, o nosso desejo era que a coisa se arranjasse o mais «baratuncho» possivel!

Tenham paciencia mas é este o nosso fraco... O «Zé» anda muito falho de «massas» e o melhor serviço que se lhe poderia prestar era reduzir todos os ordenadões e todas as despezas demasiadas.

Que tem a gente com que haja commissarios a ganhar 24 contos como diz «Os Ridiculos» para defender um presidente de luxo?

Se os tubarões ganham muito, porque não lhes poderá chegar a vez da redução nas massarocas fabulosas?

E porque ha quem ganhe muito será isso razão para que todos os logares que venham a crear sejam tambem pagos á maluca?

Pois se «Os Ridiculos» se farta de berrar que só defende a barriguinha «do Zé», por que vem quebrar lanças para que o presidente tenha casa civil e militar e dê muitas festas faça muito espalhafato á custa do Zé que diz defender?

Ora bolas...

Pois se «Os Ridiculos» prega a egualdade, porque rasão se ha de assustar que o presidente não tenha palacio e seja obrigado a ir «para o «emprego», como o amanuense vae para a repartição, como o operario vae para a officina, como o caixeiro vae para o estabelecimento!?

Ora cebo...

Pois o que vem a ser o presidente se não um empregado da nação?

Ora... chiça! como dizia o discipulo de Camillo...

*

Afinal o sr. Brito Camacho resolveu-se a tratar da questão do azeite. E' verdade que devia ter sido ha mais tempo mas s. ex.ª tambem tem o direito de ser teimoso como qualquer outra pessoa. Simplesmente, a teimosia e a esperteza de que s. ex.ª gosa fama não lhe serviram para nada d'esta vez.

A manifestação do dia 2 apesar de elementos reaccionarios se aproveitarem d'ella como julgamos para estupidos e baixos designios, surtiu algum effeito. E' que o Povo em querendo é quem manda. Os politicos por muito tezos que se digam, por muito que batam o pé, e ameacem com a força armada, como certo ministro que nós conhecemos, sempre teem algum cagaço do Zé Povinho... Ou não tivessem elles cinco réis de pelle a menos ao fundo das costas!

*

O leitor faça obsequio leia isto. E' recortado de «Os Ridiculos».

«Ha dias, que nas Terras do Desembargador, dorme ao relento uma pobre mulher doente, com quatro filhos, ou netos! E' um quadro de miseria, horrivel, que um leitor nos descreve em bilhete postal.

Pasma o nosso amigo dos republicanos, o povo, a junta, não acudir áquella desgraça!

Como quer você que a junta acuda a dar casa a alguem, se as côrtes a não dão ao chefe do Estado?»

Percebeu? O «Caracoles» lamenta a miseria da pobre mulhersinha ou lamenta o **presidente que não tem casa?**

VIU SE GREGO.

No proximo numero retrato do

Presidente da Republica

OLÊ

D'um camarada:

«Quem tem 'sperança, tem piedade,
Quem tem piedade, tem 'sp'rança.»

Olhe, nós conhecemos duas irmãs, uma Esperança e outra Piedade ambas bem boas, e não temos nem uma nem outra!

Ainda foi favor...

O dr. Magalhães Lima foi o mais votado pelo Povo nas eleições. Agora os representantes do mesmo Povo deram-lhe... tres votos!

E está com muita sorte...

ISTO É UMA BELEZA!

Disse o sr. Botto Machado que os operarios que ficam sem pernas ou sem braços são mandados esmolar.

E depois são presos por andarem a pedir...

Fiat Justicia

Dura é a missão de fazer jornal, ephemera gloria tem o pobre rabiscador; d'elle depende o artista, o politico, o financeiro, o commercio, a industria e até o mendigo; alma sempre aberta generozidade sem portas e dos viventes n'este mundo de hypocrisia, de comedia e de illusão, é o unico que mais odios tem sobre os hombros; pesado fardo o do obreiro da imprensa!—Ainda ha pouco, advogámos do alto d'esta tribuna, a causa de Xavier da Cunha, d'esse erudito, d'esse sabedor como poucos, a quem as letras tanto devem, e para se collocarem compadres, esbogaram-n'o do seu logar onde, tão assignalados serviços prestou como bibliographo notavel entre os notaveis, sendo uma perda irreperduravel para a Bibliotheca; tambem lá temos lançado ao canto da ingratidão e da inutilidade o erudito Moniz para, triumphar o amigo, o afilhado da republica, que até hoje, ainda se não cançou de procurar logares para os dilectos da sua escolha.

—E foi para isto, que o povo na manhã de 5 d'outubro rompeu com o grito épico, grandioso, inconfundivel de—viva a liberdade!—que nunca na nossa historia o tivemos similar? Não, os braços nús do povo soffredor, sem condestaveis a guial-o não se ergueram altivos e fortes, para ver no dia seguinte os falsos mensageiros da sublime doutrina democratica subirem tão apressada e descaradamente ao poleiro e á fatia nacional.

Não é ainda hoje, o momento opportuno para com a eloquencia dos factos, provar-nos iniludivelmente o que vae por esse cancro nacional que se chama burocracia; acima de tudo—a causa, ella é tudo, a sua intangibilidade nada tem com as miserias da humanidade, salvemos o ideal que a todo o tempo é tempo para liquidar desmandos que o favoritismo, o egoismo e a ambição nos tem trazido á sombra de ideaes, de sacrificios hypocritas que tanto anonymo apregoa. As revoluções são assim—uteis para quem d'ellas se sabe e pode aproveitar! E' da sabedoria das nações, a historia so nos falla dos audazes, dos desavergonhados que olhando para os fins que o conduz a ambição, teem cegos os sentimentos para os meios a empregar para os conseguir. Se a humanidade é assim! Mundo de illusões, humanidade ingrata, o homem é o mais feroz inimigo do homem—o grande e terrivel mal está no individualismo—o do **"homo homini lupus"** é que não deparamos senão com rivalidades e odios, miseria e lodo em que constantemente nos atascamos.

Sem refolhos de rhetorica, sem o burilado brilhante do saber humano, profundaremos hoje em linguagem da verdade, (aquella linguagem crystalina da pureza tão pouco vulgar) a historia do partido republicano, que do alto da sua intangivel tradição, nos vae fallar da ingratidão e do esquecimento! Não é ao pobre povo, a esse mouro de carga, á victima eterna d'aquella suprema força a que a diplomacia do seculo XX chama—lei!—que vamos censurar — não senhor a multidão anonyma que em quasi todas as evoluções entra tal como a pedra, o bronze ou o marmore para a confecção d'uma estatua, não tem aqui a menor parcella n'este crime que hoje se regista—o crime, vem do alto, partiu de ha muito do individualismo, e hoje, que estamos a poucas semanas da celebração da mais épica transformação da nossa nacionalidade—a abertura na historia da pagina commemorativa d'esse lance decisivo levado a cabo em 5 de outubro de 1910—é dever de todos, lembrarem-se d'um dos maiores vultos da democracia quando, ainda Theophilo Braga, embora possuidor do talento que hoje o mundo inteiro admira e venera, era tambem um anonymo como o simples mortal rabiscador d'este artiguelho, e foi elle quem, a par de mil sacrificios, lhe abriu as portas do convivio social e lhe editou os seus primeiros trabalhos; foi ainda elle quem, deu a mão a Teixeira Bastos, a Cecilio de Souza e tantos outros; era um simples livreiro, alli da rua do Arsenal o Carrilho Videira, o republicano radical, o intransigente inimigo dos farçantes, por isso o apodaram de **vendido**, era um importuno, um estorvo á cotterie Elias Garcia.

Tendo dispendido tudo, ficou pobre e o seu ultimo recurso, foi emigrar—como é doloroso fallar assim da historia e mexer no resequido pó das miserias—lá foi, ahi por 1889, a caminho d'esse asylo do portuguez, d'esse recurso dos desilludidos e dos afilhados da ventura—o Brazil, foi bater á porta do Bocayuva, paladino brazileiro; a felicidade não lhe sorriu, e voltando annos depois, recolheu-se em Marvão, onde viveu ainda pelo braço da ingratidão, emquanto que os farçantes levavam vida regalada e ainda hoje ahi temos alguns que, estão subindo ao pinaculo da gloria com talher d'oiro á banca da republica!

Elle, o «vendido», o recompensado de tanto ardor, o luctador dos tempos da fogueira e da forca para os republicanos, lá está em Marvão sem uma lousa modesta, que tivesse ao menos o epitaphio mais nobre que conhecemos—gratidão! Para que tal honra—se Carrilho Videira foi um **vendido!?**

(Continúa).

ABIEJNARAL.

Ainda ha ingenuos...

Agora que se resolveu a questão do azeite lembra-nos a ingenuidade d'um jornal operario, da provincia, que em tempos implorava á Constituinte que o barateasse.

Elle, coitado, julgava que isto ia lá com pedidos...

No proximo numero

retrato do

Presidente da Republica

Chacon Siciliani

Este nosso querido correligionario que nos tempos da ominosa monarchia se teve que refugiar na nossa visinha Hespanha, e a quem o partido republicano tanto deve pelos seus incansaveis serviços prestados a causa, encontra-se em Lisboa, tendo a amabilidade de nos vir cumprimentar, o que sinceramente agradecemos.

Chacon Ciciliani, é aquelle jornalista que em Vizeu foi condemnado em 20 mezes de prisão, por ter escripto no nosso collega «A Voz da Officina», alguns artigos anti-religiosos, que lhe valeram aquella sentença.

Estamos certos que uma vez em Lisboa, este nosso amigo, facilmente encontrará a collocação a que tem direito, pois que os logares de confiança entendemos que se devem dar a republicanos historicos — e «Chacon Ciciliani» está n'estes incluido—e não a republicanos depois do 5 de Outubro, isto é, «republicanos da trama».

Uma entrevista

Quando chateado atravessava a parada topei com um «taratu» todo tirado das canellas e são d'elle as opiniões sobre os diversos theatros adeante exaradas.

—Olha lá, oh! rapaz, tens ido ao **Colyseu dos Recreios?**

—Isso é que tenho meu primeiro, e é que tenho gostado mais que das cachopas lá da aldeia. Ha lá cada mulher que vale bem trinta guardas á cavallariça e depois aquella philarmonica toca ainda melhor que a Banda da Guarda Republicana.

—Sim tens rasão. A companhia tem bons artistas, bello scenario e a orchestra é afinadissima. Agora ha uma peça phantastica no **Apollo**, sabes?

—E' verdade, meu primeiro é «Os 7 castellos do Diabo» que dizem ser de escacha pecegueiro. E se o meu primeiro me dá licença que diga mais uma palavra sempre lhe «alumiarei» que no theatro **Variedades** está um revista de detraz das duas orelhas que se chama «Peço a palavra».

—Na verdade assim me parece pois as casas cheias são tantas como as representações.

—O meu primeiro já foi á feira?

—Já, já. Vi no **Chalet Avenida** uma revista bem boa em que apparece o «heroe» de Queluz o D. Paiva I que tem carroçadas de pilheria e a «Saude e Bichas» no **Julia Mendes** que é de trez em pipa.

—Os animatographos...

—Ah! dos animatographos tambem eu gosto muito. Ha lá o **Cine Palais**, o **Chantecler** e o **Cine Paris** mas pelo que eu me pélo é por um homem que está no **Chalet Republica.** Elle sosinho faz mais de dez fallas differentes...

—E' um ventriloquo de grande valor.

No **Circo Russo** tambem trabalham muito bem varios animaes amestrados mas do que gosto a valer é do **Theatro da Natureza!**

—Ah! sim?

—Sempre tive predilecção por coisa ao natural... e a minha Jacinta tambem gosta muito meu primeiro.

—Olha. Vae apparelhar o rió do 1.º para ir dar uma volta e se queres um conselho de amigo vae bastante ao theatro. Quando quizeres dispensa vem ter commigo.

Adeus. Arranja o cavallo depressa que quero ir a Queluz ver uma pequena de truz.

ZÉ PIMENTA.

VERDADES

O nosso collega «O Mundo» publicou ha dias em fundo do nosso amigo e já notavel jornalista dr. Lopes de Oliveira, as palavras que, com a devida venia, abaixo transcrevemos, por traduzirem com brilho e com desassombro o nosso modo de ver e de pensar na actual conjectura politica:

Cada um dos deputados, ao solicitar o seu mandato, tomou o formal compromisso de o honrar, e ha de responder por elle. Que todos possam apresentar-se ao soberano juizo popular de fronte erguida, que todos possam dizer-lhe que nem pressões, nem amizades, nem despeitos, nem invejas, nem ambições os perturbaram, que as intrigas os não separam da verdade, que as paixões os não desvairaram, e a passo firme, foram seu caminho, sem que um instante vacillassem em presença do aliciamento ou da ameaça. Esses deputados representam Portugal; as suas palavras e os seus actos pesam nos destinos da Patria; nenhum deve esquecer que cada uma das sessões da Constituinte será uma pagina de historia. Todo o gesto de enfado n'uma obra de tal magnitude, todo o alheamento n'uma tarefa tão urgente, toda a revelação de fraqueza, toda a hesitação, toda a pusilanimidade serão um desfalecimento compromettedor da dignidade do parlamento, que o mesmo é dizer da dignidade do povo portuguez.

Oxalá que estas expressões de bom senso, de patriotismo e de amor pela Republica, fossem ou tivessem sido sempre ouvidas e devidamente tomadas em consideração.

Mas, mal vae para todos nós se de vez e para sempre, ellas não entram «nos cascos» onde é indispensavel que entrem e sejam comprehendidas.

No proximo numero

retrato do

Presidente da Republica

EPITAPHIO

Aqui jaz Procopio Estelho.
Morreu quasi feito em postas
Com uma facada no olho
Que lhe chegou quasi ás costas!

Tem uma sabedoria!

O sr. Baracho declarou que, tirando o dr. Costa, o Barreto e o Camacho, os restantes ministros não sabem o que fazem.

Olhem que o Camacho merece bem ser mettido na conta dos sabichões.

Se aquella coisa de regular as greves com um decreto hespanhol é saber o que faz... a gente vae alli e já vem!

O proximo numero d'O ZÉ será dedicado ao

PRESIDENTE DA REPUBLICA

Dr. Magalhães Lima

(UM DESCONSIDERADO)

Magalhães Lima é o caracter mais saliente do partido republicano historico portuguez.

A's suas convicções democraticas sacrificou elle os seus interesses materiaes e as suas affeições de familia.

Irreductivel no seu modo de sentir e pensar, sempre a favor do povo, nunca transigiu com a lisonja. Só tres deputados reconheceram o seu alto valor politico e moral, tendo a coragem de affrontar a negativa de toda a assembléa do Centro de S. Carlos.

Mais uma vez Magalhães Lima é um sacrificado, e é esta a recompensa que recebe ao cabo de tantos annos de lucta em prol da causa do Povo.

CHACON CICILIANI

O monopolio da entrelinha

Porque se não anulla o contracto que não está legal? E' por causa da tutela? Ainda se não implantou a republica?

VI

Continuamos na nossa e não a largamos, nem à mão de deus-padre, a não ser que os «amigos do Povo» se resolvam a solucionar o caso.

O contracto dos electricos foi por um vereador monarchico (monarchico, ó democratas!) declarado falsificado e por tanto, em face da lei, nullo. O monopolio que entrega as ruas de Lisboa aos capitalistas inglezes, a escriptura que nos vende por 99 annos aos sympathicos exploradores de Santo Amaro, funda-se n'uma escriptura em que uma vereação monarchica reconheceu haver illegalidades.

Em 1906 houve um vereador monarchico, um vereador «thalassa», sem pomposo rotulo de republicano nem de democrata, que levantou a questão na Camara Municipal.

E disse elle, esse verdadeiro defensor dos interesses do «Zé Povinho»:

«— Constando-me haver nullidades n'um contracto que tem validade por 99 annos fui ver reflectidamente esse contracto. E encontrando essas nullidades, não nos poderia servir para nos libertar-mos de uma escravidão de 80 ou 90 annos procurando estabelecer a concorrencia que é a base fundamental da baixa de preços?»

Parece impossivel, mas é verdade. Nos tempos ominosos da monarchia, quando todos os monarchicos eram «thalassas», e só era honrado quem era republicano, havia quem, sendo monarchico, erguesse a voz em defeza do Zé Povinho.

O sr. Sabino de Souza era monarchico e sabia e ousava fallar em libertar o povo d'uma escravidão.

Hoje, a dez mezes de republica, ainda não houve quem se resolvesse a ir buscar esse contracto, sacudil-o da poeira da intrujice, e mostrar as entrelinhas illegaes. Que fazem os vereadores do Povo? Dormem? São de pedra? São de gesso? Ou ainda temos tutela? Será o sr. Antonio José d'Almeida que não deixa, ou é a Camara que gosta d'aquelle contracto escuro, d'aquella escriptura illegal?

Porquê se não põem as coisas em pratos limpos? O contracto está falsificado ou não está? Porque não se occupam d'uma coisa, de que tinham obrigação de se occupar, e de que uma vereação monarchica julgou conveniente occupar-se? Ha monopolio ou não ha?

Vá, senhores administradores do que é nosso! O Zé é o patrão, vós sois os empregados! O Zé quer saber. Foi justamente para isso que vos deu esses poleiros.

As situações escuras e equivocas eram apanagio da monarchia!

A Republica veio assentar a legalidade nas cadeiras do poder. E' preciso que ella não adormeça no seu assento estofado.

Vá, meus senhores... Que diabo, não tenham medo dos poderosos syndicateiros... Vamos a isso...

Olhem que d'antes dizia-se que as vereações monarchicas não resolviam a questão das carnes porque os monopolistas sustentavam nas a ellas, e ás familias...

E tambem se dizia que o syndicato de Santo Amaro distribuia largas benesses pelos vereadores de então para elles não anularem o contracto.. Vejam lá tambem se querem dar razão ao povo para duvidar?

E olhem que a duvida é o diabo!

E o «Zé» anda tão cheio de duvidas, tão desilludido, tão farto d'isto tudo...

No proximo numero retrato do

Presidente da Republica

OLARILA

Um orador disse que os monarchicos se devem considerar felizes por serem bem governados.

Serem governados?

Elles consideram-se felizes mas é por governarem!

♣

Isto é que é

Apesar de já lá ir ha que tempos a epocha da consolidação ainda se falla em moderação e attracção.

Os thalassas são uns gajos com muita sorte!

Elles a serem «attrahidos» e os nossos... no Limoeiro!

♣

Ao sr. Ministro do Interior

Continuamos como d'antes e quartel general em Abrantes.

Embora, tenhamos lido e relido coisas mil da reforma de instrucção primaria, e um estendal pavoroso de nomeações e algumas... cala-te bocca, ignoramos por emquanto, o que se resolve fazer dos infelizes amanuenses dos extinctos commissariados de Instrucção Primaria.

Bem sabemos, que é coisa de nimia importancia para s. ex.ª, se fossem algum Barboza ou Raposo, não lhes faltaria de ha muito lautos pratos á meza do banquete, no que tão prodigo tem sido s. ex.ª em dar grossa fatia a amiguinhos e... afilhados. «Alteri tempi» «alteri pensieri», é tudo assim; a poeira da arcada, era capaz de corromper Christo se elle cá voltasse a ver isto!

Com que então, não ha fórma de darem um destino aos infelizes que teem a desdita de não serem apaniguados d'algum... amigo de s. ex.ª ou então, pelo menos filhos d'algum monarchista mesmo dos mais arreigados aduladores da fallecida mulher que Deus haja!

Vamos sr. Ministro do Interior, ao menos, venha de lá essa nomeação do padre de Casa Branca. E até á semana.

♣

Arthur Neves

Este nosso amigo e collaborador encontra-se no Hospital de S. José, enfermaria Souza Martins, cama 24, a fim de soffrer uma operação, felizmente de pouca importancia.

Um breve restabelecimento, eis o que lhe deseja a rapaziada amiga cá d'«O Zé».

THALASSAS! THALASSAS!!

Chovia, grossas cordas, sem ser das que usam os xalias da bomba, mas sim, cordas de agua fresca... ou capilé, fazendo com que os nocturnos, não de Field ou Chopin, mas sim os noturnos... passeantes, recolhessem a 9 ás 10 horas para penates, afim de porem os... chispes ao fumeiro, a seccar da agua que cahindo das biqueiras dos paraizos gatães lhes entrara pelas biqueiras dos botes, pondo-lhes os ditos chispes n'um estado de asseio irreprehensivel. E isto tudo convem frisar sem ser preciso ir a nenhum... barbeiro, passava se entre as 10 e as 11.

Apesar da chuva ser tão impertinente como um raio... de sol n'um dia de estio, em que nós estiolamos as banhas sem serem de porco, apesar d'isso diziamos, um vulto envolto n'um gabão atravessava com passo, sem ser de musica, mas sim com passo apressado o Rocio. A chuva cada vez apertava mais que nem uma dama aperta um espartilho para mostrar que ainda tem... patriotismo para ir para a fronteira, esperar que os homens entrem pela... Serra do Suajo.

No entanto o nosso homem, depois de ter atravessado o Rocio, seguiu pela Avenida acima até a rua das Pretas onde então fez alto. Vinha amarello, arquejante, dos olhos deitava lume, o que elle aproveitou para accender uma... bia.

Accendida que era a bia, elle larga um assobio, que tinha preso á cintura, por uma linha, sem ser a linha de... cintura e por 3 vezes assobiou.

Appareceu logo um outro meco que como o primeiro, estava tambem, amarello.

Este ultimo meco pergunta ao primeiro:

—Então a «coisa» sempre é hoje?

—Sim! respondeu o primeiro com uma voz tão sinistra que os cabellos se lhe eriçaram d'uma maneira extraordinaria.

—Effectivamente a salvação da Patria, demanda muita força...

O primeiro ia para responder, mas pondo-se mais amarello ainda, esconde-se debaixo de uma copada palmeira, ouvindo-se d'ahi a pouco elle dizer:

—Sim! demanda muita força e eu sem... um boccadinho d'um jornal velho!

LAMBISGOIA.

♣

Cartas abertas

«Serip»—O' cavalheiro, vá mastigar latim para outro lado. As suas laracha não vão para a «estante da casa», como diz, mas sim para o cesto dos papeis. Se não atina com a razão porque não as publicamos nós lh'a expomos: E' porque as suas versalhadas não valem um caracol. Então o coração é «bom alambique?» A alambique nos cheira a sua poesia!

«Pardielo»—Então?!... Que bicho lhe mordeu, seu solitario? Ai, ai, ai!

Não é verdade?

A monarchia zombou sempre do «Zé» quando se fallava em baratear os generos, disse um jornal.

E a republica tambem não tem zombado pouco. Vamos lá com Deus e com o pae Theophilo!

O Zé na feira

Eu não sei se o leitor conhece o Madureira. Se o não conhece fica-o agora conhecendo. E' um homem nem velho nem novo, nem alto nem baixo, assim um tanto sobre o comprido. E' republicano historico desde o berço, democrata desde que se conhece, e carbonario desde que eu o conheço. Usa pera á Affonso Costa, melenas á Antonio Zé, e na gola do casaco e na aba do chapeu tem uma altura tão lustrosa e gordurosa que se póde denominar á Brito Camacho.

Pois foi este mesmo, o Madureira, o tal, o irmão do outro, ha muito casado com uma mulher e sobrinho d'uma tia sua, mulher d'um tio seu, foi este mesmo Madureira que fui encontrar no domingo parado em frente do

Campo Pequeno na Feira

Elle estava a olhar para o cartaz a lêl'o muito attento como quem lê a lista quando espera a taluda.

—Então, que é feito?—perguntei-lhe eu.

—Para aqui a ler o cartaz do **João Florencio** que tem muita graça.

—Mais graça tem ir-se lá dentro e provar-se aquelle **excellente vinho da Motta.**

—Ah isso é... mas...

—Mas, o quê, homem? Você ficou pensativo!... O que é que tem? Está com medo que se acabem as touradas e que o Florencio deixe de ter sopa de feijão á **José Bento,** canja á **B. Pereira,** e o frango guizado á **Casimiro** e tantos outros pitéus?

—Não é isso...

—Então está pensando no **vinho branco sem egual** que o amigo **Baptista** fornece aos freguezes das suas bellas **farturas** fabricadas com esmero na

Barraca Arganilense

—Nem isso...

—Então que é? Apetite ao bello

Bacalhau com grão

alli da

Tia Anna

—Muito menos...

—Então saudades das pequenas que servem á mesa no

Moraes do Padre Antonio

ou do saboroso e economico **entalado,** ou do **vinho verde das melhores procedencias do Minho?**

—Tambem não...

—Então está-lhe a crescer agua na bocca pelas dôces **farturas** fabricadas na

Nova Barraca de Farturas

pela filha do antigo fabricante, barraca conhecidissima e montada com luxo, onde grande legião de empregados se atarefam para as servir aos freguezes, acompanhadas pelos vinhos **tinto e branco especiaes?**

—Nada disso...

—Então, está a pensar nos **bifes a 80 rs.** ou nos gostosos **pasteis de bacalhau,** que o

Luiz Pereira

tem á venda na sua barraquinha na Rua do Circo Russo?

—Nem isso tampouco...

—Então o que é, com seiscentos diabos? O que demonio é que o faz estar triste, seu Madureira? Em que pensa?

—Penso em que não tenho nem cinco réis para provar qualquer d'essas coisas.

Maria Botas

O melhor e mais conceituado restaurant da Feira. Fronteiro ao Cine Palais. Esmerado serviço por lista.

Quem come, quem janta,
Quem dança, quem canta,
Quem ceia, quem trinca,
Quem baila, quem brinca;
Quem vive feliz
Senhor do nariz,
Pinocas, actores,
Cantores, janotas,
Só vão atrombar,
Ceiar ou jantar,
De noite ou de dia,
A' **Botas** das notas
A' **Botas Maria!**

Adega da Figueira

Vinho especial

Esta grande adega está situada ao fim da rua principal. Bello recinto ao ar livre, debaixo d'uma figueira. Lindo lago e repucho e brilhante illuminação electrica.

Proprietario **Abel.**

Antiga Barraca do Julio das Farturas

Quem nunca provou farturas,
Quem nunca teve esse dom,
Anda no mundo ás escuras,
Não sabe ainda o que é bom!
O **Julio** da-lhes tal geito
Fabrica-as por taes segredos
Que quatro dias depois
Um sugeito
Inda está lambendo os dedos!

Agua da Mina—Amadora

Minero medicinal e de mesa

N'um magnifico pavilhão construido no Rocio da Feira sob projecto do conductor das obras publicas sr. Jesuino Ganhado, encontra-se á venda esta purissima agua que pela sua mineralisação se deve classificar entre as aguas hypo-salinas de formação basaltica, relativamente siliciosa e bicarbonatada magnesica-calcica.

Ermida do Padre Antonio

(Largo da Feira, onde esteve o grande carrousel)

Padre Antonio tem bom vinho
Restaurant, cervejaria,
Padre Antonio té tem **tecas**
A saltar de noite e dia.
Padre Antonio tem pequenas
Em trajes de phantasia,
Padre Antonio tem adega
Com vinho de tal magia
Que o sujeito que lhe pega
Apanha uma «titolia»...

Adega do Saloio

(R. Central proximo do Cine Palais)

Quem fôr á feira e não visitar a **Adega do Saloio** commette decerto uma grande injustiça. A **Adega do Saloio** é a Adega popular por excellencia da feira. O seu prato especial é popularissimo e saborosissimo: **Atum com batatas.** O vinho... o vinho... nem fallemos n'isso; Aquillo é uma pinga de consolar as miudezas todas. E para quem não fôr a nadar em fartura (de massas o que acontece a muita gente bôa... e a nós tambem, a **Adega do Saloio** recomenda-se como a farinha Nestlé se recommenda para os bébés.

Carreiras de tiro:

Georgina de Oliveira

Tiro aos Pombos, a unica diversão deste genero que existe na feira. Grande variedade de alvos. A melhor casa d'este genero. Junto ao Circo Russo.

Vicente da Porcalhota

Reabriu esta antiga barraca situada na rua principal á entrada. Grande variedade de alvos e surprezas.

♣

ORA O DIABO É VOCE...

O' sr. Camacho então «vocelencia» não mandava vir azeite hespanhol porque lhe mandavam oleos e agora já se resolveu a mandal-o vir?

Mas então agora já não teme que mandem oleos?

Você é o demonio e mais os oleos!...

Encontra-se já á venda:

"A collecção ministerial," ou seja os retratos dos ministros actuaes.

Cada collecção, 400 réis.

Preço por exemplar, (cada retrato) 50 réis.

Todos os retratos são impressos a oito côres em papel couchet de TRAZ DA ORELHA e serão enviados para quem os requisitar, mediante estampilhas ou vale do correio, á administração d'O ZÉ, Rua da Rosa, 163, 1.º Lisboa.

No Porto: pedidos ao nosso agente A. Dias Pereira & Comp.ª Praça da Liberdade.

♣

Nada, que brincas!

Os manifestantes do dia 2 eram uma cambada de «thalassas»...

Mas foram sempre resolvendo a questão do azeite...

Então como canta Jorge?!

O proximo numero d'O ZÉ será dedicado ao

PRESIDENTE DA REPUBLICA

Dois bellos exemplares monarchicos!

O filho—Em se acabando os paivantes, o que iremos chupar depois?
O pae—Não te assustes; pessoas como nós, nunca faltam recursos para governar a vida.